

Riacho Fundo, um lugar onde o lixo é a subsistência

A 100 Dimensão resolve no DF um grande problema das cidades maiores

LUCIANA NAVARRO
REPÓRTER DO JB

Luminárias, brinquedos, bolsas, cestas, mesas. O lixo vale ouro em Brasília. A cooperativa 100 Dimensão vem se consolidando como um exemplo de união de gente pobre que encontrou no lixo uma forma de subsistência. São 130 pessoas trabalhando como catadores e artesãos em um galpão de 1.000 m² no Riacho Fundo II.

Sônia Maria da Silva participou da criação da cooperativa e hoje é presidente do grupo. Há 15 anos, largou o emprego de auxiliar de enfermagem para cuidar do filho portador de síndrome de Down.

Em 1999, o garoto passou a ir à escola sozinho. Com mais tempo livre, Sônia resolveu se reunir com os vizinhos para tentar arrumar uma forma de ganhar dinheiro. Depois de muita discussão, apostaram no lixo.

– O lixo é um problema para as grandes cidades. Trabalhos como o nosso podem ser a solução para o desenvolvimento de muitos lugares – afirma Sônia.

A cooperativa começou com 27 pessoas. Depois do projeto de capacitação de profissionais feito pelo Sebrae o grupo cresceu. São trabalhadores de todas as idades treinados para reciclagem de ferro, papel e plástico. Além

das esculturas e objetos de decoração, produzem almofadas, colchas de retalhos e brinquedos. O grupo divide as tarefas: 67 pessoas trabalham na coleta seletiva e 63 ficam encarregadas de produzir as obras de arte.

– Acreditamos que poderíamos sair de uma vida sem sonhos. Começamos a ter projetos e isso é motivo de muito orgulho – diz Sônia.

O Sebrae ensinou os trabalhadores a buscarem parceiros para o trabalho. O Banco de Brasília, por sua vez, forneceu R\$ 16 mil para a compra de uma prensa. O lixo utilizado pela cooperativa é recolhido no Palácio do Planalto e no shopping Pátio Brasil. Um ca-

minhão alugado leva o material para o barracão onde o lixo é separado.

O trabalho da cooperativa é divulgado pelo grupo de teatro Anjos das Sobras, formado por 12 pessoas. Tudo é feito na cooperativa. Bonecos de biscuit, produzidos por um grupo de 18 pessoas portadoras de deficiência, servem de ingresso para os espetáculos. As peças são apresentadas nas escolas públicas. Cada aluno paga R\$ 3,00 pelo ingresso, o valor é rateado entre o grupo de teatro e o dos bonecos.

– Os portadores de deficiência me procuraram pedindo trabalho como catadores, mas achei melhor colocá-los para ajudar o grupo de teatro – explica.

No final do próximo ano, a cooperativa deve gerar renda para cerca de 400 trabalhadores. Para isso, luta por um terreno do Pró-DF de 7.000 m². Cada cooperado recebe de acordo com o trabalho desenvolvido e a quantidade de lixo recolhida. Os artesãos recebem em média R\$ 350 e os catadores R\$ 250. Por mês, a cooperativa tem um faturamento bruto de R\$ 40 mil. Além do aluguel do caminhão, gasta com alimentação dos funcionários e impostos.

A integração da equipe é fundamental para o trabalho. Toda sexta-feira faz terapia comunitária com psicólogas e assistentes sociais. O trabalho tem surtido efeito. Os produtos da 100 Dimensão foram expostos nas instalações da designer de interiores Marisa Montalvan na Casa Cor - Brasília. Na terça-feira, fazem exposição no Palácio do Planalto.

Cristiano Costa/BGPress



Uma das fundadoras da cooperativa, a auxiliar de enfermagem Sônia é hoje a sua presidente